

A cobertura midiática dos jogos paralímpicos de Londres/2012 no portal Globoesporte.com

The media coverage of paralympics games London/2012 in the website Globoesporte.com

POFFO, B. N. ; KUGLER, A. G.; VELASCO, A. P.; SOUZA, D. L. A cobertura midiática dos jogos paralímpicos de Londres/2012 no portal Globoesporte.com. *R. Bras. Ci. e Mov* 2018;26(2):92-102.

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo analisar as características da cobertura dos Jogos Paralímpicos de Londres/2012 no portal de notícias globoesporte.com, tendo como foco as seguintes características/categorias apontadas pela literatura como problemáticas e recorrentes na mídia: (1) *vitimização/supercrip* – quando as notícias enfatizam histórias de tragédias e dificuldades relacionadas com as deficiências e de superação das mesmas por parte dos atletas, tratando-os como super-heróis; (2) *infantilização* – quando as notícias tratam os desportistas como se fossem crianças; e (3) *trivialização* – quando as narrativas e ilustrações se centram em situações não esportivas. As categorias *vitimização/supercrip* e *infantilização* são problemáticas, pois tendem a reproduzir estigmas relacionados às pessoas com deficiência. Já narrativas que enfocam informações triviais não relacionadas ao esporte desperdiçam o pouco espaço que o esporte paralímpico ocupa na mídia, deixando de promover uma cultura mais qualificada acerca do esporte paralímpico. A pesquisa foi de cunho quanti-qualitativo e exploratório e teve como fonte o portal globoesporte.com. Encontramos 254 notícias tratando diretamente dos Jogos Paralímpicos de Londres/2012 e que foram publicadas durante a realização dos Jogos. Destas, 39 se encaixaram na categoria *vitimização/supercrip*. Sete matérias supostamente se enquadrariam no que a literatura internacional chamaria de “infantilização”. Verificamos, no entanto, que a intenção de nenhuma das notícias foi a de tratar os atletas como crianças. Localizamos 20 matérias que enfocaram em primeiro plano assuntos tais como a aparência, vida pessoal e profissão dos atletas, e não os seus feitos esportivos. Embora o número de notícias categorizadas não tenha sido quantitativamente significativo, quando comparado com o número total de matérias publicadas, percebe-se a necessidade de uma maior qualificação da mídia esportiva para tratar do esporte e dos atletas paralímpicos, enfocando menos nas suas deficiências e dificuldades e mais em suas habilidades e capacidades esportivas.

Palavras-chave: Jogos Paralímpicos; Mídia; Atleta com deficiência.

ABSTRACT: The goal of this research was to analyze the media coverage of the Paralympic Games – London/2012 in the news website globoesporte.com, focusing on the following themes/categories referred as common and problematic by the literature: (1) *victimization/supercrip* – when the news emphasize the athletes’ disabilities and how they overcame them, treating them as superheroes; *infantilization* – when there are expressions that treat athletes as if they were children; (3) *trivialization* – when the narrative focuses on information not related to sports. We chose these categories because the *victimization/supercrip* and the *infantilization* narratives tend reproduce stigmas related to people with disabilities. Narratives in sport journals which emphasize trivial information do not contribute to the comprehension of the Paralympic sport. The methodological approach was quanti-qualitative and exploratory. We chose the website globoesporte.com because of its popularity. We used the following descriptors: “paralimpíadas”, “paralímpico” e “paraolímpico”. We found 254 articles directly related to the London 2012 Paralympic Games. Thirty nine articles matched the *supercrip* category. They focused on stories about the overcoming of barriers related to disability and referred to athletes as heroes. Seven articles fit the *infantilization* category and treated the athletes as if they were children. Twenty articles fit the *trivialization* category. Instead of discussing sport related themes, they talked about athlete’s appearance, their personal lives and professional plans for the future. Even though there wasn’t a large number of publications that fit into the analyzed categories if we consider the total number of published articles reviewed, we found that there is a need of a better qualification of the media in order to cover Paralympic sport and Paralympic athletes so that it emphasizes less their disabilities and more their sporting abilities.

Key Words: Paralympic games; Media; Athlete with disability.

Bianca Natália Poffo^{1,2}
André Guths Kugler³
Amanda Paola Velasco¹
Doralice Lange de Souza¹

¹Universidade Federal do
Paraná
²CAPES
³CNPQ

Recebido: 06/10/2017
Aceito: 08/06/2018

Contato: Bianca Natália Poffo - bia.poffo@hotmail.com

Introdução

Os Jogos Paralímpicos (JP) têm crescido em número de atletas, popularidade e notoriedade ao longo dos últimos anos. As organizações que estão ligadas ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC - *International Paralympic Committee*), composto por 176 comitês nacionais, quatro organizações regionais, quatro organizações internacionais de esportes para pessoas com deficiência e 17 federações internacionais, têm fomentado o desenvolvimento destes Jogos e lutado pela conquista de mais espaço midiático para os mesmos¹. Exemplo do crescimento dos JP pode ser verificado na tabela a seguir com dados provindos do site do IPC². Vale ressaltar que o número de espectadores diz respeito ao total de pessoas que compareceram ao longo de cada edição dos Jogos Paralímpicos e a audiência televisiva refere-se à quantidade de pessoas que assistiram a transmissão dos Jogos Paralímpicos pela televisão.

Tabela 1. Crescimento dos jogos paralímpicos.

	Nº de países participantes	Nº de atletas participantes	Nº de espectadores	Audiência televisiva
Sidney (2000) ⁱ	123	3.879	1,2 milhões	300 milhões
Atenas (2004)	135	3.808	850 mil	1.852 bilhões
Pequim (2008)	146	3.951	3,44 milhões	3,8 bilhões
Londres (2012)	164	4.237	2,7 milhões	3,8 bilhões
Rio de Janeiro (2016)	159	4.328	2,15 milhões	4,1 bilhões ⁱⁱ

ⁱDados retirados do site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB)³.

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), logo após a sua criação em 1995, passou a desenvolver estratégias para divulgar o esporte através de ações, tais como o financiamento de viagens de jornalistas para cobrir os JP^{4,5}. Nos últimos anos, ele passou a investir de forma massiva na circulação de informações e vídeos promocionais relacionados com o esporte paralímpico em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. A associação entre entidades representativas do esporte paralímpico e a mídia, conforme aponta Coakley⁶, fez com que houvesse uma transferência do foco das notícias de aspectos diretamente relacionados ao esporte para aspectos supostamente com maior interesse para o público e patrocinadores, o que alterou as orientações de quem planeja, programa e gerencia os eventos e as mídias em geral. O foco da cobertura passou a ser na promoção de excitação e drama na busca de maior audiência e de possíveis patrocinadores.

Marques *et al.*¹ identificaram a existência de dois tipos de coberturas midiáticas sobre o esporte paralímpico: a de apelo social e a que se apoia no rendimento atlético. A cobertura de apelo social consiste em notícias que focam na superação das adversidades da deficiência e se utilizam do sensacionalismo. Já a cobertura que se apoia no rendimento atlético se preocupa em noticiar as performances e resultados esportivos dos atletas com deficiência. Se por um lado, a cobertura dos rendimentos atléticos pode auxiliar na quebra de estereótipos e de paradigmas relacionados às pessoas com deficiência, a cobertura que se apoia no apelo social pode, contrariamente, reproduzir estereótipos sobre as mesmas.

Marques *et al.*⁷ pesquisaram o ponto de vista de atletas brasileiros sobre a abordagem midiática do esporte paralímpico. Os mesmos verificaram que alguns atletas querem ser reconhecidos pela divulgação de seus feitos esportivos. Outros atletas preferem ser reconhecidos por terem superado adversidades causadas pelas suas deficiências, uma vez que este tipo de narrativa proporciona visibilidade e atrai a atenção do público para o esporte paralímpico. Os atletas, portanto, possuem diferentes perspectivas sobre o assunto.

De acordo com a literatura, a forma com que a mídia tem retratado o esporte paralímpico possui algumas características recorrentes, a saber: O “modelo *supercrip*”^{8,9,10}, a vitimização dos atletas¹¹, a infantilização dos desportistas^{12,13} e a trivialização das notícias¹⁴. A narrativa *supercrip* se centra em histórias de superação de adversidades causadas devido às deficiências dos atletas. Já a *vitimização*, retrata os desportistas como vítimas de tragédias pessoais. Este tipo de narrativa, conforme Hilgemberg¹¹, pode levar à identificação dos atletas a partir de suas deficiências, como se esta fosse a principal característica dos mesmos. Vale ressaltar que as narrativas que possuem características de *supercrip* e de *vitimização* geralmente aparecem de forma alternada ou acoplada, pois ora os atletas são retratados como vítimas,

ora eles são retratados como super-heróis que superaram tragédias relacionadas às deficiências. Devido a esta associação, para fins deste estudo, consideramos estas duas características como partes de uma só categoria: *vitimização/supercrip*. No âmbito do esporte paralímpico, narrativas que refletem as categorias *vitimização/supercrip* e que têm como fio condutor as tragédias e dificuldades vividas pelo atleta devido à sua deficiência e a superação da mesma, podem, por exemplo, reforçar a ideia de que cabe à pessoa com deficiência superar sozinha suas tragédias pessoais e dificuldades, minimizando-se assim o papel da sociedade em melhor se adaptar para ajudá-la a enfrentar suas dificuldades e atender as necessidades das pessoas com deficiência¹¹.

Narrativas que trazem elementos de *infantilização* dos atletas tendem a retratar os mesmos como se fossem crianças^{12,13} e reforçam um imaginário de que pessoas com deficiência são frágeis e vulneráveis¹⁵. A categoria trivialização ocorre quando a cobertura enfoca fatos não relacionados ao esporte, tais como a aparência dos atletas, seus relacionamentos pessoais, vida familiar, etc¹⁴. Narrativas que focam em questões triviais ao invés de informações esportivas, principalmente em veículos de comunicação que a princípio tem como finalidade difundir o esporte, deixam de informar sobre o esporte e não contribuem para com a promoção de conhecimentos significativos acerca do mesmo¹⁶. O espaço ocupado com informações triviais deveria ser utilizado para notícias que contribuam para um melhor entendimento do esporte paralímpico, como por exemplo, a explicação da classificação funcional dos atletas, a sua preparação para as competições, os treinamentos e a repercussão do evento.

Algumas das tendências da cobertura midiática do esporte paralímpico, como por exemplo, a trivialização das notícias, são também recorrentes na cobertura do esporte convencional. Conforme aponta Betti¹⁷, existe o esporte “na” mídia e “da” mídia. O esporte “da” mídia é uma construção que aborda o esporte de forma superficial, utilizando-se do que o autor chama de “falação esportiva”. Nesta abordagem, busca-se focar na divulgação de resultados, contusões, histórias de superação da pobreza, vida pessoal dos atletas, entre outros assuntos tangenciais ao esporte, visando chamar a atenção do público e a atender interesses econômicos. O esporte “na” mídia abordaria questões inerentes ao esporte propriamente dito, contemplando informações sobre diferentes modalidades, conteúdos científicos sobre a cultura esportiva, entre outros. Para o autor, se levaria em conta toda a polissemia do fenômeno esportivo e não seriam abordados assuntos que não dizem respeito às questões estritamente esportivas.

Tendo em vista o contexto exposto acima, o presente estudo teve como objetivo identificar e analisar algumas características da cobertura dos Jogos Paralímpicos de Londres/2012 no portal de notícias globoesporte.com. Mais especificamente, visamos identificar se – e de que forma – as categorias *vitimização/supercrip*, *infantilização* e *trivialização* se fizeram presentes nas notícias sobre os Jogos Paralímpicos de Londres/2012 no referido portal de notícias.

Materiais e métodos

A pesquisa foi de cunho quanti-qualitativo e exploratório. Analisamos o portal globoesporte.com, que é um portal da Rede Globo. A emissora é a televisão aberta com maior alcance de sinal de todo o país, e por isto, optamos pelo portal de notícias vinculado à emissora¹⁸. A busca e a coleta das notícias no portal foram realizadas nos dias 21, 22 e 23 de dezembro de 2015 através dos seguintes descritores: “paralimpíadas”, “paralímpico” e “paraolímpico”. Selecionamos as notícias que tratavam diretamente dos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e que foram publicadas no decorrer da data dos Jogos (29/08/2012 a 09/09/2012).

Foram encontradas 254 notícias relacionadas com os Jogos Paralímpicos, sendo que 11 foram excluídas, pois continham apenas fotos do evento ou citavam o esporte paralímpico em contextos não relacionados com o evento. O corpus de análise incluiu, portanto, 243 notícias. Todas elas foram lidas na íntegra e os dados foram tabelados em uma planilha *Excel* com as seguintes informações: data de publicação, título, seção do caderno e os dados relativos às categorias citadas anteriormente. Após a tabulação destes dados, realizamos uma análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e categorizamos as matérias a partir das categorias já citadas. Se a matéria contava alguma história triste relacionada com o sofrimento de um atleta devido à sua deficiência, associada à sua pobreza na infância e como o mesmo superou as dificuldades encontradas, a notícia era computada na categoria “*vitimização/supercrip*”. Outro exemplo: se a notícia ao invés de focar no desempenho do atleta falava sobre maquiagem, joias, roupas, casamento ou relatava apenas resultados breves por infográficos, esta era categorizada como “*trivialização*”. Se a notícia apresentava informações que remetesse a uma

¹⁸Segundo dados levantados pela Secretaria de Comunicação Social do Governo na “Pesquisa Brasileira de Mídia-2016”, a Rede Globo foi a emissora mais assistida pelos entrevistados (73%), seguida da SBT (36%).

atleta como meiga, doce, tímida, não abordando a esportividade da mesma, ela era categorizada como “infantilização”. Algumas notícias foram tabuladas dupla ou triplamente, uma vez que elas se encaixavam em mais de uma categoria.

Resultados e discussão

A maioria das 243 notícias apresentavam resultados das competições e/ou continham infográficos. Trinta e nove (16%) delas apresentavam características da categoria *vitimização/supercrip*, vinte (8,2%) se encaixaram na categoria trivialização e sete (2,9%) se encaixaram na categoria infantilização.

Vitimização/Supercrip

Apresentaremos neste item alguns exemplos que se enquadraram na categoria *vitimização/supercrip*. A matéria intitulada Boletim Paralímpico ganhou espaço nas publicações do portal. Na época havia também um programa de televisão transmitido pela Rede Globo com esse nome, que noticiava os Jogos Paralímpicos. As notícias veiculadas na TV eram publicadas no portal globoesporte.com, geralmente comentando os resultados do dia. No trecho abaixo, a matériaⁱⁱ destacava os ouros de Teresinha, Jovane e Zanardi:

E a história de superação do ex-piloto de Fórmula 1 Alessandro Zanardi, que conquistou uma medalha de ouro na categoria H4 do contra-relógio do ciclismo. O italiano foi o mais rápido da prova e consagrou sua volta por cima após quase morrer em grave acidente de carro em 2001.

Globoesporte.com, 06/09/2012.

Alessandro Zanardi é um ex-piloto de Fórmula 1 que sofreu um acidente de carro em 2001. Como consequência do acidente, ele teve as duas pernas amputadas. Nesse trecho encontramos as expressões “superação” e “volta por cima” que se referem à vitória do atleta sobre o acidente. As sete notícias publicadas sobre Alessandro Zanardi durante o período analisado retomam a trajetória dele como piloto de Fórmula 1 e o acidente de carro que ocasionou a sua deficiência física.

Uma das características do tipo de narrativa anterior, que aqui denominamos de *vitimização / supercrip*, é que ela costuma “ênfatizar o esforço individual como um meio de se superar barreiras sociais para as pessoas com deficiência”¹⁴ (p.1, tradução nossa). Alguns autores argumentam que este tipo de abordagem reforça a percepção de que a deficiência é um problema pessoal que precisa ser superado pelo próprio indivíduo. Tende-se a desconsiderar outras dimensões (social, cultural, educacional, política, ambiental, etc.) que interferem com o cotidiano do indivíduo¹⁴. Ou seja, esta abordagem pode reforçar a crença de que as pessoas com deficiência são inteiramente e unicamente responsáveis por suas situações e condições de vida e devem, portanto, se adaptar ao ambiente e meio social em que vivem. Aquelas que não conseguem, podem ser consideradas preguiçosas e sem disciplina¹⁷. Este tipo de pensamento é problemático, pois tende a tirar a responsabilidade da sociedade no sentido de se adaptar para minimizar as barreiras que as pessoas com deficiência tendem a encontrar em seu caminho. Ressaltamos que o enfoque na superação não é comum apenas no âmbito do esporte paralímpico. Para Bracht²² alguns princípios que passaram a reger a sociedade capitalista industrial acabaram sendo incorporados pelo esporte, como é o caso do princípio de rendimento e a supervalorização do mérito individual, que também são difundidos no esporte convencional.

A narrativa *supercrip* comumente está relacionada com a da *vitimização*. Hilgemberg¹¹, ao analisar a presença dos estereótipos de “super-herói” e de “coitadinho” nas mídias brasileira e portuguesa, identificou como subcategoria do estereótipo do coitadinho, a *vitimização*. Quando o foco está na tragédia pessoal dos atletas e tende a evocar um sentimento de compaixão e de caridade. A conjunção entre a narrativa de *vitimização* com a do *supercrip* consiste em uma história inicialmente marcada pela tragédia, mas com uma superação desta no final. Na matériaⁱⁱⁱ “Vítima de atentado coroa superação com estreia nos Jogos Paralímpicos”, encontramos um trecho que evidencia essa relação:

“Foram sete anos de espera até o dia que simbolizou o ápice de sua superação. Nesta sexta-feira, Martine Wright, inglesa que perdeu as duas pernas no atentado terrorista ao metrô de Londres, em 2005, estreou nos Jogos Paralímpicos da capital inglesa como jogadora de vôlei sentado da Grã-Bretanha. Emocionada e sob o olhar do pequeno filho Oscar, ela definiu a experiência como inesquecível e única

ⁱⁱDisponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/boletim-paralimpico-destaca-os-ouros-de-teresinha-jovane-e-zanardi.html>

ⁱⁱⁱDisponível na íntegra em: <http://sportv.globo.com/site/programas/conexao-sportv/noticia/2012/08/vitima-de-atentado-coroa-superao-com-estrela-nos-jogos-paralimpicos.html>

em sua vida. De vítima tornou-se celebridade, assediada por diversos fãs após o jogo.”

Globoesporte.com, 31/08/2012.

A matéria acima retrata Martine Wright como vítima, e posteriormente, como uma pessoa que superou a tragédia do atentado em Londres. A associação do atentado em Londres com a participação da atleta paralímpica nos Jogos tende a evocar um sentimento de compaixão e admiração pela atleta e pela cidade, considerando que ambas sofreram um grande impacto com o ato de violência ocorrido. Mas apesar de todas as dificuldades, ainda assim, estas resistiram e deram a volta por cima. No caso da atleta, ela tornou-se profissional com reconhecimento internacional. No caso de Londres, esta se tornou sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2012.

A matéria intitulada “*No automobilismo, pilotos superam doenças e limitações para competir*”, noticia informações a respeito de André Bragantini e Miguel Paludo, dois pilotos brasileiros que possuem disfunções (Síndrome de Gilles de La Tourette^{iv} e Diabetes, respectivamente), e o caso do piloto Zanardi, que adquiriu uma deficiência física devido a um acidente de carro. A matéria aborda o tema da superação de disfunções e deficiências de forma semelhante, colocando-as no mesmo patamar. A comparação da história de superação de Zanardi com a história de outros pilotos nacionais que possuem problemas de saúde pode demonstrar que a questão da deficiência ainda é tratada a partir do modelo médico, ou seja, a deficiência é vista como um problema a ser tratado, uma doença a ser curada¹⁷. Segundo Coakley⁶ este modelo é popular e hegemônico por duas razões: a primeira é porque muitas pessoas ainda veem a deficiência como uma condição individual que necessita de diagnóstico e tratamento profissional; a segunda é porque existe uma indústria massiva construída com o objetivo de consertar ou reabilitar corpos e mentes que necessitam, estabelecendo uma aproximação com a deficiência. Em contrapartida a este modelo, surgiu o modelo social. Neste modelo, reconhece-se que a pessoa com deficiência não precisa somente de tratamento médico, mas principalmente, que a sociedade se adapte às necessidades especiais das pessoas com deficiência, eliminando barreiras sociais, culturais e atitudinais¹⁸.

Em outra matéria, encontramos um relato curioso sobre o *hobby* e a futura aspiração profissional de um atleta. A matéria^v “*Das piscinas para as festas: Tronco sonha brilhar também como DJ*” conta a afinidade do nadador Christopher Tronco com a música eletrônica, dando destaque à sua projeção de se tornar um DJ profissional:

Esqueça qualquer trilha sonora triste que embale uma história de superação de portadores de deficiência. O dono de uma das trajetórias mais marcantes do esporte paralímpico não gosta disso. Pelo contrário, Christopher Tronco quer ser lembrado ao som de muito barulho. De preferência, música eletrônica, e com ele no comando das carrapetas. Lenda mexicana nas Paralimpíadas, o nadador, que compete na classe S3, nasceu sem os braços e com apenas uma das pernas, ainda que com má formação. Mas nunca se impôs limites. Tanto que, para um futuro próximo, já projeta uma nova profissão: DJ.

Globoesporte.com, 31/08/2012.

A matéria começa aconselhando os leitores a esquecerem “*qualquer trilha sonora triste que embale uma história de superação de portadores de deficiência*”. Essa frase revela uma predisposição das pessoas em associar a deficiência com algo triste. Outra frase emblemática é a seguinte “[...] *nasceu sem os braços e com apenas uma das pernas, ainda que com má formação. Mas nunca se impôs limites. Tanto que, para um futuro próximo, já projeta uma nova profissão: DJ*”. Essa passagem fala da deficiência do atleta e explicita que a mesma nunca impediu as suas aspirações profissionais. Essa informação denota tanto uma baixa expectativa em relação ao que o atleta poderia projetar para si próprio, ou poderíamos dizer, para o que a sociedade espera das pessoas com deficiência¹⁹, como também uma admiração pelo fato do atleta se propor a realizar uma atividade comumente realizada por pessoas que não possuem deficiência.

A notícia^{vi} “*Pupilo de Ceni, ex-goleiro celebra Paralimpíadas: ‘Dei a volta por cima*””, publicada no dia 04/09/2012, informa a trajetória de Bruno Laandgraf, ex-goleiro do São Paulo, que devido a um acidente de carro se tornou tetraplégico passando a se dedicar à vela nos Jogos Paralímpicos. Na linha fina do título: “*Revelado pelo São Paulo e campeão mundial sub-17 pela Seleção, Bruno deixa de lado tetraplegia e compete na vela nos Jogos de*

^{iv}É uma disfunção no sistema nervoso que provoca espasmos involuntários no corpo e na voz, que se convertem em gestos descoordenados e pequenos gritos.

^vDisponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/08/das-piscinas-para-festas-tronco-sonha-brilhar-tambem-como-dj.html>

^{vi}Disponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/pupilo-de-ceni-ex-goleiro-celebra-paralimpiadas-dei-volta-por-cima.html>

Londres”, a expressão “*deixa de lado tetraplegia e compete na vela...*” também remete à ideia de superação de adversidades. A tetraplegia é retratada como um obstáculo contornável, passando-se uma falsa impressão de que a tetraplegia é algo superável, independente das condições físicas, socioeconômicas e culturais que uma pessoa nesta condição necessita para que possa vencer determinados obstáculos.

Encontramos também passagens que contam a tragédia de vida dos atletas, mas não parecem ter uma conotação de supervalorização de superações por parte dos mesmos. Conforme apontam Silva e Howe⁹, a linha entre uma apreciação honesta sobre uma conquista inspiradora e a narrativa *supercrip* é muito tênue. A matéria^{vii} “*Com reação incrível, Alan desbanca Pistorius e arranca o ouro nos 200m*” conta um pouco da história do atleta brasileiro.

Alan Fonteles teve as duas pernas amputadas com apenas 21 dias de vida, em consequência de uma série de manifestações graves causadas por uma infecção intestinal. Em Marabá (PA), sua cidade natal, Alan passou a se interessar por atletismo quando tinha apenas oito anos. A vontade de correr era tão grande que o garoto começou a treinar com as mesmas próteses de madeira que usava para andar, totalmente inadequadas à prática esportiva.

Globoesporte.com.br, 02/09/2012.

Nesse trecho encontramos um relato da história da deficiência de Alan Fonteles e uma parte de seu percurso para se tornar atleta, porém, há somente um relato descritivo da história, sem apologias exageradas às superações do mesmo. Não encontramos palavras/expressões como “superou”, “quebrou barreiras”, “deu a volta por cima”. Esta notícia faz uma apreciação honesta da trajetória deste atleta e descreve as dificuldades materiais que o mesmo teve no início de sua carreira, mais especificamente, relacionadas às suas próteses. Esse relato explicita a presença de barreiras econômicas que podem se fazer presentes para pessoas com deficiência.

Se por um lado, pode ser positivo que este tema seja abordado nas matérias referentes aos atletas paralímpicos, pois mostra uma realidade presente na vida de parte da população de pessoas com deficiência e que pode interferir na realização de uma prática esportiva. Por exemplo, o velocista Alan Fonteles começou a praticar atletismo mesmo com próteses inadequadas, pois tinha muita vontade de evoluir na modalidade e não possuía condições financeiras de adquirir uma prótese adequada. Outras pessoas podem não se inserir na prática de uma modalidade por não possuírem a prótese ou a cadeira adequada para tais, mas, para que isso não aconteça, são necessárias políticas públicas e um maior financiamento para que as pessoas com deficiência possam ter acesso às práticas esportivas. Por outro lado, os estudos apresentados neste artigo apontam que normalmente o foco das notícias é na história “triste” dos atletas, com um tom de drama. Pouco se fala da rotina de treinos, da dedicação atual ao esporte, da trajetória e das conquistas esportivas. Este ainda é um ponto limitador na cobertura midiática, pois acaba reforçando o estigma de pena e coitadismo, relacionado à deficiência.

Trivialização

Nesta parte, apresentaremos alguns exemplos de trechos de notícias que se enquadraram na categoria *trivialização*, que por sua vez, possui entendimentos distintos na literatura. O primeiro refere-se a performances e conquistas. Ou seja, a categoria se manifesta quando a cobertura dos Jogos Paralímpicos realizada pelas mídias é reduzida a rankings (pequenos quadrinhos infográficos), performances e conquistas dos atletas, não abordando outros aspectos como os bastidores e as repercussões do evento esportivo¹⁷. Já o segundo entendimento refere-se a conteúdos não relacionados com o contexto esportivo, como por exemplo, a vida pessoal do atleta, a sua aparência, a sua família, a sua ocupação profissional e o seu vestuário¹⁴.

Na matéria^{viii} “*Do Morumbi a Londres: a história do corintiano que “salvou” o palmeirense*”, encontramos informações a respeito da vida pessoal dos atletas. A notícia conta a história do encontro de Renato e Wellington, dois jogadores do voleibol sentado, em um jogo de futebol e a relação de amizade entre eles.

Sete anos depois, Renato e Wellington são mais do que companheiros de time. A história unida por acaso os transformou em melhores amigos, com direito a um ter sido padrinho de casamento do outro.

Globoesporte.com, 01/09/2012.

^{vii}Disponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/alan-responde-criticas-de-pistorius-com-ouro-nos-200m-rasos-t44.html>

^{viii}Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/do-morumbi-londres-historia-do-corintiano-que-salvou-o-palmeirense.html>

Não defendemos aqui que a mídia não noticie fatos da vida pessoal dos atletas. O problema é que quando o destaque se dá quase que exclusivamente, neste tipo de notícia, desperdiça-se a oportunidade de se aproveitar o pouco espaço que o esporte paralímpico possui na mídia para promover uma maior cultura em relação a este tipo de esporte. Este espaço poderia ser utilizado de forma a contribuir para com a qualificação da cultura esportiva das pessoas, que segundo Pires²¹ é: “o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo” (p. 42). O mesmo poderia também ser melhor utilizado se divulgasse notícias que pudessem contribuir com um maior entendimento sobre o esporte paralímpico (ex. entendimento sobre a lógica e regras das modalidades) e sobre a trajetória esportiva e de treinamento dos atletas. O lado positivo de se noticiar sobre aspectos da vida pessoal dos atletas paralímpicos é que estas podem contribuir para um processo de desestigmatização das pessoas com deficiência, na medida em que as mostra em situações cotidianas, semelhantes às que ocorrem com pessoas sem deficiência. Estas notícias mostram que as mesmas possuem relacionamentos amorosos, têm amigos, casam-se, transitam pelos espaços públicos, participam de festas e de outras situações. Isso parece ser uma colocação óbvia, mas muitos ainda no senso comum acreditam que as pessoas com deficiência possuem uma vida diferenciada por causa da deficiência, o que contribui para com a sua estigmatização. A desestigmatização consiste em um processo de desconstrução social dos estigmas referentes às pessoas com deficiência⁹.

Nas matérias^{ix} “*Das piscinas para as festas: Tronco sonha brilhar também como DJ*” e “*Portuguesa de 1,01m pede atenção de CR7 e provoca: ‘Gigantes somos nós’*”, destacamos os seguintes trechos, respectivamente:

Lenda paralímpica mexicana, nadador que nasceu sem os braços e com uma perna se denomina ‘O Pequeno da Rumba’ e quer virar profissional da música.

Globoesporte.com, 31/08/2012.

[...] Mas Simone não é feita só de protestos. Pelo contrário, ela gosta mesmo de festa. Professora de percussão e canto em seu país, a “portuga” aponta Ivete Sangalo como sua cantora preferida e planeja uma visita ao Brasil para curtir a aposentadoria após os Jogos de Londres.

Globoesporte.com, 03/09/2012.

Os trechos acima colocam ênfase na profissão dos atletas e em suas aspirações pós-carreira. Se por um lado isto desvia a atenção das realizações esportivas dos atletas, por outro demonstra os atletas com deficiência como pessoas comuns, que possuem sonhos e aspiram outras coisas além do esporte. De semelhante modo, na matéria^x “*Paralímpico radical, nadador brasileiro sonha com Havaí e ondas gigantes*”, destacamos a linha fina do título: “*Deficiente visual, Carlão surfa e mergulha desde pequeno. Após visitar uma das praias preferidas de Kelly Slater, planeja desbravar picos pelo mundo*”. Neste trecho, também encontramos aspirações de outro atleta paralímpico. Outros estudos também classificaram notícias como estas como uma forma de *trivialização*⁷. Ressaltamos, no entanto, que embora elas possam ser classificadas como triviais no contexto esportivo, notícias com esse viés mostram os desejos e sonhos dos atletas paralímpicos, demonstrando que a vida deles não se resume à competição e ao rendimento esportivo. Isto, por sua vez, pode repercutir de forma positiva na vida de pessoas com deficiência que não possuem proximidade com o esporte.

Outro exemplo da categoria *trivialização* consiste em matérias que possuem comentários sobre a aparência de atletas do sexo feminino, como na matéria intitulada^{xi} “*Bela e imbatível, holandesa defende série invicta de quase uma década*”. Esta matéria conta a trajetória de Esther Veerger, atleta detentora de muitos títulos no tênis em cadeira de rodas. Nela, destacamos o seguinte trecho:

A simpatia emoldurada pelo sorriso fácil e belos olhos azuis já tornariam Esther Vergeer uma personagem cativante, mas sua presença se torna ainda mais marcante ao exibir seu currículo.

Globoesporte.com, 30/08/2012.

A passagem acima está localizada no começo da matéria e introduz a notícia comentando sobre a beleza da atleta.

^{ix}Disponível na íntegra, respectivamente, em:

<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/08/das-piscinas-para-festas-tronco-sonha-brilhar-tambem-como-dj.html>
<http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/portuguesa-de-101m-pede-atencao-de-cr7-e-provoca-gigantes-somos-nos.html>

^xDisponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/paralimpico-radical-nadador-brasileiro-sonha-com-havai-e-ondas-gigantes.html>

^{xi}Disponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/08/bela-e-imbavel-holandesa-defende-serie-invicta-de-quase-uma-decada.html>

Neste caso a beleza da mesma parece ser mais importante do que a sua trajetória no esporte. As questões relacionadas ao esporte são colocadas em segundo plano. Em outra matéria, intitulada^{xii} “*Musa do Brasil em Londres, Suellen se diverte ao ser comparada a Jaqueline*”, encontramos outro trecho que comenta a aparência da atleta:

Morena, cabelos longos, sorriso expressivo e jogadora de vôlei. A definição se encaixa perfeitamente em Jaqueline, bicampeã dos Jogos Olímpicos, mas trata-se de Suellen, ponta da seleção brasileira de vôlei sentado nas Paralimpíadas de Londres.

Globoesporte.com, 07/09/2012.

Nesse trecho há uma comparação da aparência de uma atleta de voleibol brasileira famosa com uma atleta paralímpica de voleibol sentado, o que sugere uma possível similaridade no tratamento midiático de atletas olímpicas e paralímpicas quanto ao processo de *trivialização*. As notícias sobre atletas mulheres, de forma geral, tendem a ser reproduzidas desta forma¹⁴. A aparência das atletas ou outros fatos relacionados com as suas vidas pessoais, não raramente, são colocadas em destaque nas notícias. O enfoque em atributos estéticos das mulheres pode indicar uma objetificação das mesmas por parte da mídia.

Diante deste contexto, é preciso considerar que as matérias relacionadas aos Jogos Paralímpicos normalmente são publicadas em cadernos de esporte, ou seja, deveriam focar na trajetória esportiva dos atletas e não em sua aparência, relacionamentos pessoais e outros assuntos que não colaboram com o aumento da cultura esportiva relacionada ao esporte paralímpico.

Infantilização

A categoria “infantilização” consiste no uso de uma linguagem que retrata os atletas como se fossem crianças^{12,13}. Expressões como “meninas” e “garotas”, usadas individualmente ou combinadas com adjetivos como “jovens”, podem ser citados como exemplos deste tipo de abordagem. Isto pode ser verificado no trecho abaixo e em outras matérias relacionadas às equipes femininas de voleibol sentado e basquetebol de cadeira de rodas, respectivamente:

“As meninas do Brasil [Basquetebol de cadeira de rodas] não começaram bem o jogo e permitiram que a Holanda conquistasse uma vantagem de sete pontos no fim do primeiro quarto”

Globoesporte.com, 03/09/2012^{xiii}.

“Meninas do vôlei vencem britânicas e garantem briga por 5º lugar”

Globoesporte.com, 04/09/2012^{xiv}.

Se por um lado, referir-se às atletas como meninas ou garotas é considerado por alguns atores como uma forma de *infantilizá-las*, por outro lado, pode representar uma forma carinhosa de tratá-las. No esporte convencional, é possível encontrar este mesmo tipo de abordagem, quando as notícias falam, por exemplo, das “meninas” ou “meninos” da seleção de vôlei ou de outros esportes.

Na matéria intitulada “*Inspirada em polonesa, brasileira de 17 anos quer ser olímpica em 2016*”, selecionamos a seguinte passagem:

O jeito meigo e ao mesmo tempo tímido evidencia a doçura da catarinense de Criciúma. Ela prefere potencializar a energia de seus 17 anos em outro adjetivo: ambiciosa.

Globoesporte.com, 30/08/2012.

Nesta notícia, os jornalistas chamam a atleta de “Bruninha” e afirmam que ela tem um “jeito meigo e tímido”, o que poderia indicar uma certa infantilização da mesma. Na sequência, no entanto, revela-se a forma como ela prefere ser reconhecida: ambiciosa. Possivelmente o leitor, ao se deparar com a notícia, deve notar primeiramente a idade da atleta. A matéria pode ter sido feita para mostrar que mesmo com essa idade e seu jeito meigo e tímido, a desportista prefere ser reconhecida por sua ambição. Nesse sentido, a matéria parece não ter como objetivo infantilizar a atleta, mas sim desmistificar a representação infantil sobre ela e mostrar a ambição esportiva da mesma.

^{xiii}Disponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/musa-do-brasil-em-londres-suellen-se-diverte-ao-ser-comparada-jaqueline.html>

Encontramos uma matéria sobre a atleta Terezinha Guilhermina intitulada^{xv} “*Terezinha e guia dão volta por cima e se despedem com ouro nos 100m T11*” que contém expressões que denotam, de certa forma, um grau de infantilização da atleta.

Com “maria-chiquinha” no cabelo e a sua alegria de sempre, Terezinha fez a festa e vibrou muito com mais essa conquista [...] Terezinha explicou ainda o visual especial para prova. Além da “maria-chiquinha”, a velocista apresentou prendedores de cabelo coloridos e acessórios extravagantes nas pernas e nos braços.

Globoesporte.com, 05/09/2012.

A própria atleta, no entanto, justifica a sua forma de se vestir como criança em um trecho da entrevista na mesma matéria:

Tenho muitos fãs que são crianças no Brasil e sei que para eles é importante me ver no pódio, me ver sorrindo. Por isso, vim vestida de criança.

Globoesporte.com, 05/09/2012.

Nesse caso, a atleta Terezinha se apresenta propositadamente caracterizada como criança e justifica a sua aparência para “agradar” e chamar atenção do público infantil. Em nosso estudo, diferente de Léseléc, Pappous e Marcellini¹², concluímos que a utilização de nomes no diminutivo, adjetivos como “jovens” e substantivos como “meninas” e “garotas”, não necessariamente denotam infantilização dos atletas, considerando o contexto cultural brasileiro. A nosso ver, faz-se necessário verificar o contexto e as direções da notícia ao tratar do assunto para identificar a presença de uma narrativa de *infantilização*.

De modo geral, narrativas como estas não contribuem para com o entendimento do esporte paralímpico nem em seus aspectos técnicos e nem como um fenômeno sociocultural. Além disto, categorias como a *vitimização/supercrip* e infantilização dos atletas perpetuam estigmas relacionados com as pessoas com deficiência¹⁸. Ou seja, difundem e reforçam determinados traços e características dificultando que elas sejam reconhecidas por suas qualidades físicas e atléticas. Este trabalho tem o intuito de gerar subsídios para a qualificação das mídias no que diz respeito às formas com que as mesmas retratam os atletas e as pessoas com deficiência, de forma a se contrapor à tendência acima descrita.

Conclusões

Identificamos notícias que se encaixam nas três categorias pesquisadas: *supercrip/vitimização*, *infantilização* e *trivialização*. As notícias que se enquadram na categoria *supercrip/vitimização* enfatizaram histórias de superação das adversidades da deficiência dos atletas e/ou retrataram os atletas como super-heróis. Ao mesmo tempo em que este tipo de notícia pode inspirar as pessoas, ele pode também contribuir para com a estigmatização das pessoas com deficiências na medida em que passa a imagem de que elas possuem histórias de vida trágicas e que demandam necessariamente, muita superação. As notícias que se encaixaram na categoria *trivialização* se centraram em temáticas tais como a aparência do atleta, sua vida pessoal e ambições profissionais. Se por um lado este tipo de informação afeta a qualidade da notícia esportiva, por outro lado, demonstra que os atletas com deficiência, tal como a população em geral, são humanos e possuem sonhos, desejos e aspirações. Não encontramos notícias com expressões que supostamente poderiam infantilizar atletas do sexo masculino. Este tipo de expressão apareceu em sete matérias que se referiam a mulheres. Diferentemente de Pappous, Marcellini e de Leseleuc¹⁷, acreditamos que o uso de adjetivos e substantivos, tais como os citados anteriormente, não necessariamente infantilizam as atletas. Faz-se necessário verificar o contexto cultural do país e as direções da notícia. No Brasil é comum chamar tanto atletas do sexo masculino e feminino de “meninos”, “meninas”, “garotos” e “garotas” como uma forma carinhosa de tratá-los.

Considerando os dados desta pesquisa e da pesquisa citada anteriormente¹, concluímos que existe uma tensão entre os interesses dos meios de comunicação e de parte da comunidade paralímpica. Enquanto parte desta visa promover o esporte paralímpico e deseja ser reconhecida pelas realizações esportivas de seus atletas e não devido à superação de

^{xv} Disponível na íntegra em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2012/09/terezinha-e-guia-dao-volta-por-cima-e-se-despedem-com-ouro-nos-100m-t11.html>

dificuldades providas das deficiências dos mesmos, as mídias tendem a querer suprir interesses comerciais.

As características da cobertura midiática discutidas neste estudo são semelhantes à cobertura do esporte tradicional. No caso das categorias “vitimização/*supercrip*” e trivialização”, a diferença é que no esporte paralímpico, o fio condutor das narrativas são questões relacionadas com a deficiência, muitas vezes associadas à problemas socioeconômicos. Já no caso do esporte tradicional, a questão da deficiência não aparece e o enfoque tende a ser nas barreiras socioeconômicas.

As notícias que se encaixaram nas categorias discutidas, principalmente no que se refere à vitimização/*supercrip*, tendem a ser prejudiciais no contexto do esporte paralímpico por direta ou indiretamente reforçarem estereótipos e estigmas relacionados às pessoas com deficiência. No caso da difusão de notícias triviais, estas ocupam um espaço que poderia estar sendo utilizado para promover as habilidades e potencialidades dos atletas com deficiência e para a difusão de uma cultura mais ampla e qualificada sobre o esporte paralímpico. Para finalizar, apontamos a necessidade de mais pesquisas na área, especialmente sobre a cobertura dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016 em diferentes mídias (jornalística, televisiva e via redes sociais), considerando que os mesmos aconteceram em nosso país, e considerando que existiram alguns esforços através de campanhas promocionais do CPB visando divulgar a combatividade, a força e a energia dos atletas paralímpicos^{xvi} (ex. “O treino que muda opiniões”, “Coração paralímpico” e “guerreiros paralímpicos”). Houve também iniciativas por parte da academia^{xvii}, como por exemplo, o “Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016”,¹⁵ visando aprimorar o trabalho da mídia. Seria interessante verificar se iniciativas como estas de fato ajudaram a qualificar a mídia esportiva para tratar do esporte paralímpico com a seriedade que este merece ser tratado e os atletas como atletas de alto rendimento, de forma a focar menos as suas deficiências e fatos correlatos, e mais as suas habilidades e capacidades esportivas.

Referências

1. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB de, Menezes RP. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil : relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. Rev Bras Educ Física e Esporte. 2013; 27(4): 583-96.
2. Internacional Paralympic Committee. Paralympic games. Bonn. Disponível em: <https://www.paralympic.org/paralympic-games>
3. Comitê Paralímpico Brasileiro. Brasília. Disponível em: <https://goo.gl/XQB8HW>
4. Marques RFR, Gutierrez GL. O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. Unicamp. Universidade Estadual de Campinas; 2010.
5. Miranda TJ. Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história [Dissertação de Mestrado]. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; 2011.
6. Coakley J. Sports in Society: issues and controversies. Curr Sociol. 2014; 15(3): 1-301.
7. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB de, Nunomura M, Menezes RP. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. Movimento. 2014; 20(3): 989-1015.
8. Hardin MM, Hardin B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. SOSOL Sociol Sport Online [Internet]. 2004; 7(1): 1. Available from: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=snh&AN=20835930&site=ehost-live&scope=site>
9. Silva CF, Howe PD. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. J Sport Soc Issues. 2012; 36(2): 174-94.
10. Berger RJ. Beyond the “Supercrip” Critique. 2008; 647-78.
11. Hilgemberg T. Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. Ciberlegenda. 2014; (30): 48-58.
12. De Léséleuc E, Pappous A, Marcellini A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European counties during the 2000 Sidney Paralympic Games. Eur J Sport Soc. 2010; 7(3-4): 283-96.
13. Duncan MC. Gender warriors in sport: women and the media. In: Handbook of sports and media. 2006.
14. Pappous A (Sakis), Marcellini A, Léséleuc E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. Sport Soc. 2011; 14(9): 1182-91.
15. Dumitrescu A. Representation of Female Athletes in Western and Romanian Media. 2006. Floripa State University, 2006.

^{xvi} “O treino que muda opiniões”: <https://www.youtube.com/watch?v=1b4PvmMCy2Y>

“Coração paralímpico”: https://www.youtube.com/watch?v=kdXC9N_5oKE

“Guerreiros paralímpicos”: <https://www.youtube.com/watch?v=y9z86PQ2Bic>

^v Disponível na íntegra em: <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>

16. Pappous A, Marcellini A, Léséleuc E. From Sydney to Beijing: The Evolution of the Photographic Coverage of Paralympics Games in Five European Countries. *Sport Soc* [Internet]. 2011; 14(3): 345-54. Available from: <http://dx.doi.org/10.1080/17430437.2011.557271>
17. Betti M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*. 2001; 17: 1-3.
18. Goffman E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro; 2008.
19. Brittain I. Media, Marketing and Disability Sport. In: Brittain I, editor. *The Paralympic Games Explained*. Routledge. 2012; 72-90.
20. Figueiredo TH, Novais RA. Atletas com Deficiência na Mídia: A cobertura noticiosa dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta a Pequim nas impressas portuguesa e brasileira. *Confibercom*. 2011; 1-14.
21. Pires GL. *A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Unijuí; 2002.
22. Bracht V. *Sociologia crítica do esporte*. Ijuí: Unijuí; 137 f. 2005.